



## POESIAS EM LÍNGUA DE SINAIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Juliana de Oliveira Pokorski<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(juliana.pokorski@gmail.com)

Maria Luiza Santos Demianczuk<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(luizademianczuk2015@gmail.com)

Lia Schulz<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(liaschulz@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo de revisão de literatura analisa produções acadêmicas sobre a poesia sinalizada. Foram encontradas e analisadas duas dissertações e dez artigos científicos publicados em revistas ou anais de eventos científicos. Como resultado, podem ser apontadas três diferentes abordagens sobre a poesia sinalizada: o viés discursivo e pedagógico, que trata do papel político e educacional de empoderamento e visibilidade da cultura surda; os estudos linguísticos, que abordam aspectos específicos relacionados aos elementos constitutivos da língua de sinais e seus efeitos para a produção de sentidos no universo poético; e os estudos da tradução, que discutem o conceito de traduzibilidade dos poemas sinalizados e acentuam igualmente o papel das marcas de visibilidade da cultura surda nas traduções possíveis. A diversidade de abordagens, somada às poucas produções encontradas, enfatiza a importância de ampliação de estudos nesta área, uma vez que as poesias possibilitam o empoderamento do povo surdo pelo uso criativo da língua de sinais e também pelas temáticas abordadas, entre as quais a política, a proibição/reconhecimento das línguas de sinais, entre outros.

**Palavras-Chave:** Literatura surda; Poesia em língua de sinais; Cultura surda; empoderamento.

**Abstract:** The present literature review article analyzes academic productions about sign language poetry. Two MA thesis and ten scientific articles published in journals or proceedings of scientific events were found and analyzed. As a result, three different approaches to sign language poetry can be pointed out: the discursive and pedagogical bias, which deals with the political and educational role of empowerment and visibility of deaf culture; the linguistic studies, which deal with specific aspects related to the constituent elements of sign language and their effects for the production of meanings in the poetic universe; and the translation studies, that discuss the concepts of translatability of the sign language poems and also emphasize the role of the marks of visibility of the deaf culture in the possible translations. The diversity of approaches, along with the few publications found, emphasizes the importance of expanding studies in this area, since poetry enables the deaf people to be

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), graduanda do curso de Bacharelado em Letras – Tradutor e Intérprete de Libras (Libras – Português e Português – Libras), Professora Assistente da Faculdade de Educação da UFRGS.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Bacharelado em Letras – Tradutor e Intérprete de Libras (Libras – Português e Português – Libras).

<sup>3</sup> Doutora em Letras (área de Estudos da Linguagem – Linguística Aplicada) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Professora Adjunta do Instituto de Letras da UFRGS.



empowered by the creative use of sign language and by the themes addressed, among which politics, the prohibition / recognition of sign languages, among others.

**Key words:** Deaf Literature; Sign Language Poetry; Deaf Culture; Empowerment.

**Resumen:** El presente artículo de revisión de literatura analiza producciones académicas sobre la poesía en lengua de señas. Se encontraron y analizaron dos disertaciones y diez artículos científicos publicados en revistas o anales de eventos científicos. Como resultado, pueden apuntarse tres distintos enfoques sobre la poesía en señas: la perspectiva discursiva y pedagógica, que trata del papel político y educacional de empoderamiento y visibilidad de la cultura sorda; los estudios lingüísticos, que abordan aspectos específicos relacionados a los elementos constitutivos de la lengua de señas y sus efectos para la producción de sentidos en el universo poético; y los estudios de traducción, que discuten el concepto de traducibilidad de los poemas en señas y acentúan igualmente el papel de las marcas de visibilidad de la cultura sorda en las traducciones posibles. La diversidad de enfoques, sumada a las pocas producciones encontradas, enfatiza la importancia de la ampliación de estudios en esta área, una vez que las poesías posibilitan el empoderamiento del pueblo sordo por el uso creativo de la lengua de señas y también por las temáticas abordadas, entre las cuales la política, la prohibición/reconocimiento de las lenguas de señas, entre otras.

**Palabras clave:** Literatura sorda; Poesía en Lengua de Señas; Cultura sorda; Empoderamiento.

## Introdução

No contexto brasileiro, no qual a língua de sinais é reconhecida legalmente e tem ganhado visibilidade nas mais diversas esferas, seja por leis que tornam obrigatória a presença de intérpretes de línguas de sinais, seja pela ampliação de espaços ocupados pelos surdos, crescem as pesquisas sobre a educação de surdos e sobre a língua de sinais, ampliando as possibilidades temáticas para campos mais específicos como os estudos da área da tradução (SILVA; ALBRES; RUSSO, 2016) e também, foco deste trabalho, os estudos sobre a literatura surda (KARNOPP, 2006; 2010).

No presente artigo, a partir de um recorte do tema da literatura surda, objetiva-se fazer uma revisão de literatura acerca do que se tem sido produzido academicamente sobre os poemas em língua de sinais. Optou-se por esse recorte por ser a poesia sinalizada um campo ainda pouco estudado, no entanto, muito relevante uma vez que a poesia é vista por alguns autores como o nível de excelência no trabalho com a linguagem (KLAMT, 2014). Além disso, acreditamos que tanto a produção de poesia sinalizada como seu estudo podem ser entendidos como atos políticos de valorização das línguas de sinais.



Os procedimentos metodológicos utilizados na revisão aqui apresentada envolveram, em um primeiro momento, a busca pelo termo “literatura surda” no portal de periódicos da Capes e repositório institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Lume<sup>4</sup>. Assim, foram encontradas quarenta e seis produções entre teses, dissertações, trabalhos de conclusão e artigos científicos. Percebeu-se que o tema “literatura surda” era bastante amplo, o que dificultaria uma sistematização dos estudos feitos. Após uma breve leitura do material coletado, optou-se pelo recorte para a temática da “poesia em língua de sinais”, em função de ter-se observado um número pequeno de produções, o que nos era instigante, ao mesmo tempo que possibilitaria um olhar um pouco mais aprofundado para esses textos. Além disso, em função deste gênero ser visto por muitos desses autores como um espaço em que a língua é posta em primeiro plano, interessou-nos olhar para as maneiras que a língua de sinais pode ser visibilizada a partir desse ponto de vista.

Esse primeiro recorte resultou em sete artigos, o que julgamos ser um número ainda um pouco reduzido. Assim, retornamos ao portal de periódicos da Capes agora tendo como termos de busca “poesia sinalizada” e “poesia em língua de sinais”. Além disso, ampliamos a pesquisa utilizando os mesmos termos na plataforma lattes e aprofundamos também a busca nos currículos dos autores dos artigos que já havíamos encontrado, finalizando as buscas com um total de doze textos, sendo dez artigos e duas dissertações de mestrado. Também foram encontrados outros artigos produzidos em inglês que optamos por não incluir neste estudo, mas que possivelmente seriam interessantes de serem trazidos em estudos posteriores mais aprofundados, pois grande parte dos autores das doze produções que serão aqui referidas, fazem menção a autores e poetas sobretudo ingleses e estadunidenses.

Os artigos selecionados para esta revisão abordam a poesia surda a partir de diferentes olhares. Alguns, a partir do campo da Linguística, observando sinais recorrentes, a estrutura das poesias e a produção de neologismos (SILVEIRA & KARNOPP, 2014; BOSSE, 2014); Outros, vinculam-se aos Estudos da tradução e

---

<sup>4</sup> <http://www.lume.ufrgs.br/>.



evidenciam processos tradutórios da Libras para o português (SOUZA, 2014; KLAMT, 2014); há ainda artigos que tratam da poesia como artefato educacional para crianças bilíngues (SUTTON-SPENCE, 2014) e outras pesquisas, por fim, inseridas em um viés mais discursivo, discutem a produção de sentidos a partir do conteúdo das poesias (POKORSKI E PONTIN, 2015). Essas diferentes possibilidades de olhar para a poesia muitas vezes se entrecruzam, no entanto, são trazidas na sequência desse texto, em separado, com o objetivo de possibilitar uma reflexão mais aprofundada sobre cada linha de pensamento e subsidiar novas pesquisas sobre a temática da poesia sinalizada. Desse modo, dividimos nossa análise em três diferentes abordagens, que serão apresentadas a seguir: o papel político e pedagógico da poesia surda, a perspectiva linguística do seu estudo e a questão da tradução.

### **Espaço de produção de sentidos: o papel político e pedagógico da poesia**

*O empoderamento pode ocorrer ou simplesmente por se usar a língua, ou pela mensagem por ela transmitida. (SUTTON-SPENCE, 2006, p.329)*

Embora os textos analisados neste artigo partam de diferentes olhares e analisem as poesias de diferentes perspectivas, há uma certa recorrência nos estudos em chamar atenção para o contexto brasileiro no qual a Lei de Libras<sup>5</sup> reconhece a língua brasileira de sinais em nível nacional, o que teria possibilitado a ampliação da produção de poesias em sinais, uma vez que o povo surdo se sentiu empoderado em sua própria língua e passou a intensificá-la como produtiva e esteticamente viável para a expressão poética (SOUZA, 2014).

Outro fator visto pelos autores estudados como relevante é a possibilidade de registro da literatura sinalizada, que só acontece com o advento das tecnologias, a “[...] criação de sites de fácil acesso para postagem de vídeos, popularização de gravações através de celulares e outros artefatos - trouxeram

---

<sup>5</sup> A Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, trouxe o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de expressão em 2002, sendo regulamentada pelo Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005.



muitas possibilidades para a expansão e conhecimento da literatura surda” (SILVEIRA E KARNOPP, 2013, p.3). Ainda nesse sentido, é interessante salientar que embora a possibilidade de registro seja relativamente recente, a literatura surda, e portanto também a poesia, é vista como algo que faz parte da cultura surda, com um vínculo muito forte com a história do povo surdo, servindo como registro dessa história existente ao longo de todo esse percurso (SILVEIRA, 2015), tal como acontece com as narrativas orais que registram a história das mais diferentes culturas.

Mesmo que não seja possível saber quando foram produzidas as primeiras poesias sinalizadas, os estudos sobre esse tema têm produzido um certo percurso histórico sobre esse gênero. É muito forte a recorrência em situar os primeiros estudos e registros poéticos nos Estados Unidos e na Inglaterra, países reconhecidos pela difusão dos Estudos Surdos, ampla produção cultural e acadêmica surda. Assim, não causa estranheza que uma das principais referências em praticamente todos os estudos analisados seja uma autora inglesa, Rachel Sutton-Spence, que atualmente é professora na Universidade Federal de Santa Catarina e segue produzindo pesquisas sobre poesia sinalizada (quatro das produções aqui analisadas são de autoria ou co-autoria de Sutton-Spence).

É interessante notar que mais de um estudo analisou ou trouxe em paralelo produções de poetas brasileiros e estrangeiros (POKORSKI E PONTIN, 2015; QUADROS, SUTTON-SPENCE, 2006), percebendo aproximações temáticas e também nos modos de produzir poesia. Estas questões sem dúvida manifestam um viés poético internacional, tal como é comentado por Quadros e Sutton-Spence (2006), ao comparar as produções de Paul Scott e Nelson Pimenta:

[...] eles trabalham dentro de um viés poético internacional indiretamente relacionado, que pode ser remontado a partir do trabalho pioneiro da poetisa surda britânica Dorothy (“Dot”) Miles, que desenvolveu seus princípios de poesia em língua de sinais enquanto trabalhava no Teatro Nacional do Surdo/NTD nos Estados Unidos na década de 1970. Paul Scott estudou o trabalho de Dorothy Miles e agradece a influência do estilo dela no seu próprio trabalho. Nelson Pimenta também foi influenciado pela escola poética americana, crescendo com o trabalho do NTD através do seu contato com



poetas surdos americanos contemporâneos na Universidade Gallaudet. (QUADROS E SUTTON-SPENCE, 2006, p. 112)

No entanto, cremos que para além dessas questões de influência histórica, que não podem ser negadas, é preciso salientar que a comunidade surda e as experiências por ela vivenciada atravessam fronteiras geográficas (QUADROS, SUTTON-SPENCE, 2006). Mesmo que cada país possua a própria língua de sinais, e que existam traços da cultura nacional que transpassem a cultura surda, ainda assim, há aproximações entre os mais diferentes membros dessa comunidade global, que se comunicam visualmente com o mundo, inseridos em ambientes que, em níveis diferentes, de acordo com a uma série de fatores, precisam constantemente lutar para ser reconhecidos em sua diferença linguística e cultural, sendo uma minoria no sentido estrito da palavra, perante uma sociedade majoritariamente ouvinte.

Assim, acreditamos que a citação de Sutton-Spence que abre essa seção resume um modo de abordagem discursivo que enfoca justamente a função de empoderamento das produções poéticas surdas. Muitos estudos, para além de conceituar a poesia sinalizada e analisá-la como gênero literário, tratam do papel político e pedagógico destas produções, seja pelo uso estético das línguas de sinais, seja pelas temáticas abordadas, que colocam em evidência a diferença surda a partir de um viés identitário e cultural.

A partir de estudos de Sutton-Spence, percebe-se uma ênfase ao papel político da produção de poesias em Línguas de Sinais, pois sendo a poesia vista como uma possibilidade de produção artística da língua, muitos surdos não concebiam a possibilidade de registro poético para além do registro escrito (SILVEIRA E KARNOPP, 2014, SOUZA, 2014). Quadros e Sutton-Spence (2006) afirmam que mesmo em momentos em que as línguas de sinais já eram amplamente utilizadas a produção poética sinalizada era inconcebível, uma vez que mesmo que a língua fosse permitida, esta era vista como inferior e portanto, em função do status linguístico, as poesias deveriam ser conduzidas na língua oral. Assim, de fato é muito interessante pensar na potência do momento em que uma



língua que foi por tantos anos posta a margem possa ser colocada em primeiro plano e produzir efeito estético.

De forma geral, os textos encontrados que trabalham a temática da poesia sinalizada mostram a importância da Língua de Sinais como elemento empoderador do surdo e constituinte de sua identidade e cultura. Desta maneira, torna-se essencial que as crianças surdas tenham acesso aos mais diferentes textos nesta língua, primeiramente por ser esta a língua mais plenamente acessível e também pela relevância de construir representações positivas sobre essa língua, que possibilitarão uma constituição fortalecida de suas identidades, como nativos da língua de sinais. Nesse sentido, torna-se necessária a formação e valorização do professor-poeta enquanto o formador de identidade em contexto educacional para crianças bilíngues (SUTTON-SPENCE, 2014).

Dentre os poemas analisados nos diferentes estudos, há algumas temáticas específicas, como o orgulho e a diferença surda encontrados, por exemplo, nos poemas *5 sentidos*, de Paul Scott<sup>6</sup> (QUADROS E SUTTON-SPENCE, 2006), e *Two Communities*, de John Wilson (SUTTON-SPENCE, 2014); temáticas mais polêmicas como a do implante coclear são abordadas nos poemas *Número sangrento*, de Cláudio Mourão, *Proibido o implante coclear*, de Fabrício Mähler Ramos, *Deaf* de Nigel Howard<sup>7</sup>, e *Menino surdo*, de Eleonora Scheid, todos estes analisados em Pokorski e Pontin (2015), que discorrem sobre as diferentes representações sobre o implante coclear colocadas em circulação nas poesias sinalizadas. Além disso, outros poemas carregados de neologismos, expressões faciais, descrições imagéticas e outros elementos visuais específicos da língua de sinais, dão ênfase a produtividade da língua, tal como em *Bandeira Brasileira*, de Nelson Pimenta (SUTTON-SPENCE e QUADROS, 2006) e *Vôo sobre Rio*, de Fernanda Machado (KLAMT, 2014).

As diferentes temáticas abordadas nos poemas são relevantes no momento em que se pensa esses textos visuais como espaço potente de circulação

---

<sup>6</sup> Esse poema também é sinalizado por Nelson Pimenta, em uma tradução do original produzido na Língua Britânica de Sinais (BSL) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

<sup>7</sup> Este poema é sinalizado por Rachel Sutton-Spence no documentário *Ser é ver Sentir*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ueDEUvfyn0>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

de representações. Representações que, tal como afirma Hall (2016, p. 20), produzem sentidos sobre as coisas, e portanto “organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos.” Em outras palavras, pode-se afirmar que a difusão da poesia surda pode ser uma possibilidade de produzir modos de ser surdo, de produzir outros olhares e até mesmo ações sobre a língua de sinais e os sujeitos surdos. Por esse motivo também é importante que se pense em estratégias para que essas poesias também sejam acessíveis ao público não fluente em língua de sinais (WEININGER E SUTTON-SPENCE, 2014), de modo que possam também ter contato com essas representações e talvez assim desconstruam estereótipos.

Na grande maioria das poesias analisadas nos artigos, que trazem como tema a diferença surda, esta é vista como algo produtivo, positivo, o que vai ao encontro da afirmação de Quadros e Sutton-Spence (2006) ao argumentarem que uma das principais contribuições “da poesia sinalizada para o empoderamento do povo surdo é a maneira com que os poemas retratam a experiência das pessoas surdas” (QUADROS E SUTTON-SPENCE, 2006, p.116).

Um exemplo de experiência e empoderamento é o poema *5 sentidos*, de Paul Scott, que apresenta os modos de experienciar o mundo a partir dos sentidos como o tato, paladar. O interessante no poema é que cada sentido é representado como uma personagem vinculada a um dos dedos da mão, no momento em que a audição é apresentada não há ênfase à falta ou a deficiência, como se poderia esperar. A audição é apresentada unida à visão, com uma ênfase na experiência visual dos surdos que, a partir da perspectiva do poeta, substitui a necessidade de ouvir. Situação semelhante, porém mais sutil, pode ser observada no poema *Three Queens*, também de autoria de Paul Scott, no qual o poeta conta a história do povo surdo durante três diferentes reinados na Inglaterra, dando destaque ao momento em que a língua de sinais é reconhecida em nível nacional. Durante todo o poema, é destacada a experiência visual das personagens, e toda narrativa é contada a partir de situações visuais, como o olhar para uma bandeira, para a extensão do reino e até mesmo situações menos concretas como o futuro e a súplica são traduzidas em expressões do olhar, o que demonstra uma tentativa de apresentar as situações a





partir da perspectiva surda, as experiências marcadas por essa identidade (QUADROS E SUTTON-SPENCE, 2006).

Outros exemplos de poesias na qual a diferença surda é evidenciada são as poesias sobre o implante coclear. Em *Menino Surdo*, de Eleonora Scheid, são apresentadas portas que representam caminhos a seguir. A porta que representa a língua de sinais é evidenciada como muito mais atrativa do que as portas que remetem a correção do ouvido surdo. Assim, “produzir poesias em línguas de sinais sobre o implante coclear pode ser visto como um ato de resistência da comunidade surda frente a representações sobre o sujeito surdo que o posicionam como um sujeito a corrigir.” (POKORSKI E PONTIN, 2015, p. 03).

Esta resistência se dá não somente pelo conteúdo dos poemas, mas também pela existência desses poemas com autoria surda, como possibilidade dos surdos dizerem sobre si em um gênero literário e artístico. Produzir poesias em língua de sinais e as colocar em circulação, dando ênfase às potencialidades dessa língua, é portanto também um ato político. Além disso, esse papel político vai além das negociações culturais com a cultura ouvinte, pois a poesia, como parte do folclore surdo, possui um importante papel na tradução e constituição da identidade desse povo, o que é ainda mais relevante quando se relembra que o povo surdo não está situado em um território geográfico específico e raramente possui contato com seus pares no seio familiar.

Essa reflexão nos remete ao conceito de *Deafhood*, cunhado por Padd Ladd, que distingue a surdez enquanto aspecto sensorial e biológico, de um modo de ser que se produz processualmente através do qual uma “pessoa descobre e desenvolve uma identidade surda como um membro de uma comunidade coletiva visual” (QUADROS E SUTTON-SPENCE, 2006, p. 114). Partindo desse conceito, é possível afirmar que a poesia surda, bem como as demais produções culturais surdas, produz e é produto do *Deafhood*.

Cabe ainda destacar a importância dessas produções sinalizadas no sentido de dar acesso aos surdos que não são tão familiarizados com a escrita da língua oral. Sem dúvida, há surdos que gostam de ler poesias escritas, sobretudo os surdos pós-linguísticos (SUTTON-SPENCE, 2014), inclusive temos exemplos de



poetas surdos que produzem poesias nessa modalidade, com a autora Emiliana Rosa, autora do livro *Borboletas Poéticas*, lançado em 2017. Além disso, há surdos que apreciam os desafios linguísticos da leitura da poesia escrita, mas também surdos que, embora sejam leitores fluentes, encontram dificuldade em se sentir familiarizadas com esse gênero em específico. Paul Scott, em um comentário registrado por Sutton-Spence (2014), sintetiza muito bem o seu sentimento em relação a poesia em língua de sinais:

Eu pego [um livro de poesia] da prateleira e começo a ler e não entendo. Talvez seja lindo, com belas palavras, todas musicalmente arranjadas na página. Eu leio “blá, blá, blá” e as pessoas ouvintes irão ver as metáforas e a linguagem figurativa e assim por diante, mas eu olho e não faz sentido para mim. As pessoas ouvintes entendem e a pessoa surda não. (SUTTON-SPENCE, 2014, p. 116)

No mesmo texto de Sutton-Spence (2014), John Wilson relata sobre suas primeiras experiências como poeta, produzindo na época a partir da escrita:

Minha escola me ensinou poesia - tudo sobre rima, denotação, conotação, verso - e eu não tinha ideia do que tudo significava. Naquela época meu inglês era muito limitado. Nós tínhamos que escrever nossos próprios poemas. Era uma luta árdua. Eu odiava. Eu fugia. (SUTTON-SPENCE, 2014, p. 116-7)

Nesses relatos, se percebe a importância da poesia sinalizada para criar o gosto pelo gênero. Não seria possível que um leitor ou um autor de poesia sinalizada ampliasse seu interesse para outros registros? Nesse sentido, alguns estudos evidenciados por Sutton-Spence destacam a importância da língua de sinais no desenvolvimento da língua escrita. Segundo a autora:

Ver a poesia escrita traduzida para a língua de sinais e discuti-la em língua de sinais ensina os estudantes sobre letramento de poesia em geral. Isto os capacita a abordar poesia de maneira crítica e a explorar as dificuldades culturais, linguísticas e atitudinais que podem criar barreiras à sua apreciação. (SUTTON-SPENCE, 2014, p.117)



Este é apenas mais um argumento para a importância do estudo das poesias sinalizadas nas escolas e da difusão deste gênero e que fundamenta toda uma abordagem da poesia surda relacionada ao papel político e pedagógico de empoderamento do gênero. A seguir, tratamos de outra abordagem possível: a contribuição dos estudos linguísticos.

### **A poesia surda pela perspectiva linguística**

A poesia, independentemente da língua em que é produzida, como já apontamos anteriormente, é reconhecida por ser um gênero no qual se utiliza uma “forma intensificada de linguagem” (QUADROS E SUTTON-SPENCE 2006, p. 112). Deste modo, para além do conteúdo temático do poema, a linguagem assume o primeiro plano da produção poética. Assim, alguns estudos têm se detido a analisar a linguagem utilizada nos poemas com o objetivo de produzir efeito estético e que acabam por refletir a identidade do sinalizante. Tais estudos, podem ainda demonstrar “a contribuição que a linguística das línguas de sinais pode trazer para a nossa compreensão da linguística cultural das línguas de sinais.” (QUADROS & SUTTON-SPENCE, 2006, p.156).

Entre tantos aspectos que influenciam na construção de um poema estão os que dizem respeito à sua forma e isso envolve os aspectos linguísticos, tais como os usos e recorrências de configurações de mão, expressões faciais, movimentos entre outros. Um exemplo interessante deste tipo de análise pode ser encontrado do artigo de Pokorski e Pontin (2015), no qual as autoras discutem os efeitos das escolhas de configurações de mão e das expressões faciais no poema *Deaf*, de Nigel Howard:

Nesta poesia inicialmente há um bebê surdo no colo que é apresentado a alguém, possivelmente um médico, que rapidamente realiza o implante. No ato de pegar o bebê e apresentar a alguém é utilizada a mesma **configuração de mão** (mão aberta com os dedos encostados) e a **expressão facial transmite aconchego e acolhimento**, logo em sequência a configuração de mão muda tal como a expressão facial que remete a um clima de tensão, o bebê



deitado em uma maca é rapidamente e violentamente implantado.  
(POKORSKI E PONTIN, 2015, p. 6)

Alguns estudos têm apontado para uma recorrência acentuada de certas configurações de mão nas poesias, como a mão aberta (simbolicamente maiores) com os dedos separados ou unidos como um B para representar cenários positivos, momentos de calma ou situações agradáveis; em contrapartida, mãos fechadas ou com os dedos flexionados tendem a remeter a momentos de tensão ou a quebra de uma situação de tranquilidade (QUADROS E SUTTON-SPENCE 2006; SILVEIRA E KARNOPP, 2013; BOSSE, 2014) Um exemplo de poesia que se inclui nesta organização é *O número sangrento*, de Cláudio Mourão. Na situação inicial do poema, os dedos estendidos representam uma criança em um momento de trocas afetivas com seus pais; no final do poema, que representa o momento em que a criança realiza o implante coclear, aparece uma tensão que se intensifica pela configuração de mão em 5, com os dois dedos, indicador e médio, flexionados.

Pode-se inferir ainda que o uso intensificado de expressões não manuais, descrições imagéticas e neologismos, na mesma medida em que possibilita que a poesia seja compreendida para além das fronteiras da língua, possa ser lido de diferentes maneiras, o que certamente também é uma de suas potências. Há poemas que utilizam sinais ditos regulares, e outros como que brincando com a língua, criam formas originais e criativas, em neologismos que podem ser feitos apenas para colocar a linguagem em evidência, ou para dar ênfase a experiência bilíngue, como nos poemas que se utilizam do alfabeto manual em formas e movimentos diferenciados dos sinais já instituídos.

Sobre o uso da soletração manual nas poesias, cabe destacar que este é um artifício muito comum e bastante clássico nas mais diferentes produções sinalizadas. Muitas vezes o alfabeto manual surge ordenando a sequência dos acontecimentos, assim os sinais são produzidos seguindo a ordem alfabética, mesmo que para seguir essa regra seja necessário modificar a forma original de produção do sinal. Em outros momentos, ao invés da sequência alfabética, a sequência de letras produz termos específicos, como acontece no poema *Feliz Natal*, de Rosani Suzin, analisado por Silveira e Karnopp (2013). No referido poema,

a poetisa conta a narrativa clássica do natal, o nascimento de Jesus, formando cada personagem e cena a partir de uma das letras das palavras feliz natal. Por se tratar de um registro poético, não há necessidade de utilizar os sinais padrão; a licença poética possibilita que os sinais se configurem de outras maneiras, como acontece quando a autora sinaliza manjedoura com as mãos configuradas em N, ou quando movimenta as mãos configuradas em A, próximas ao rosto, representando o rosto do bebê Jesus.

Estilo semelhante é encontrado no poema *Bandeira Brasileira*, de Nelson Pimenta, analisado por Quadros e Sutton-Spence (2006). Segundo as autoras, o poeta cria um poderoso efeito de expressão da identidade surda brasileira ao misturar, através da manipulação do alfabeto manual, os termos Brasil e LSB (Língua de Sinais Brasileira) aos sinais da bandeira e do Brasil (ambos produzidos a partir da configuração de mão em “B”). Cabe salientar, no entanto, que os efeitos produzidos pelo poeta só foram possíveis em decorrência da maneira que o alfabeto manual brasileiro é produzido: com apenas uma mão. No caso do alfabeto manual britânico, por exemplo, não seria possível produzir o efeito da mesma forma, uma vez que as letras são produzidas a partir do movimento das duas mãos. Por fim, ainda sobre a presença do alfabeto manual nas poesias, cabe destacar que ele evidencia o lugar bilíngue que ocupa a pessoa surda na sociedade, no qual, embora a língua de sinais possa ser dominante, a língua oral também é reconhecida (QUADROS E SUTTON-SPENCE, 2006).

Outra característica analisada pelos autores nos poemas sinalizados é a repetição, qualidade de muitos dos poemas, sejam eles sinalizados ou não. A repetição pode ser observada em diferentes níveis da linguagem como na repetição de sinais ou de parâmetros que compõem os sinais, no sincronismo rítmico dos sinais ou até mesmo no nível estrutural do poema, como que formando estrofes. Para Quadros e Sutton-Spence (2006), essas repetições são como rimas sinalizadas, e podem ocorrer com a repetição de apenas um parâmetro, por exemplo, ou tornando a rima mais visível, através da repetição de mais de um parâmetro, tal como acontece em *Bandeira Brasileira*, de Nelson Pimenta, no qual

os sinais de “floresta” e “campo” (no momento que o poeta apresenta a parte verde da bandeira) compartilham a mesma configuração de mão, locação e movimento.

O interessante é que essas repetições, para além do efeito estético, produzem sentidos, como mostra a análise feita por Sutton-Spence e Quadros (2006) do poema *Bandeira Brasileira*, de Nelson Pimenta, no qual o poeta repete o sinal de pegar e moldar uma estrela. Segundo as autoras, “usar repetidamente estes sinais intensifica um padrão estético agradável, mas mostra também unidade nacional, tratando todos os estados e cidades da mesma maneira.” (SUTTON-SPENCE E QUADROS, 2006, p.134).

Uma outra possibilidade de repetição é trazida por Sutton-Spence e Quadros (2006) na análise do poema *Three Queens*, de Paul Scott. De acordo com as autoras, existe no poema uma repetição triplicada, que é diferente da repetição evidente de sinais ou configurações de mão tal como acontece em *Bandeira Brasileira*, de Nelson Pimenta. No poema de Scott, há três rainhas, três maneiras de descrever o cabelo da Rainha Elizabeth I, três pessoas surdas olhando para a bandeira e o próprio sinal de bandeira é produzido por três vezes ao longo do poema. Tal análise não somente nos remete a complexidade da produção poética, mas também a qualidade analítica das pesquisadoras atentas aos mínimos detalhes da poesia.

Ainda sobre a repetição, as mesmas autoras apontam para uma característica muito comum em diversas poesias que é finalizar retomando a parte inicial do poema. Essa repetição geralmente não é uma repetição tal e qual justamente para dar ênfase ao trajeto da narrativa que modifica algo do início para o fim do poema. Esse recurso aparece em *A Bandeira Brasileira*, de Nelson Pimenta, e também no poema *Chimarrão*<sup>8</sup>, de Claudio Mourão, no qual, na parte inicial do poema, um gaúcho começa a tomar um chimarrão, que o remete a uma série de situações da cultura tradicionalista gaúcha tal como o churrasco, a lida com o gado no campo, o frio, e hasteamento da bandeira do Rio Grande do Sul, e esse ato de

---

<sup>8</sup> O referido poema não é trazido em nenhum dos textos analisados nesta revisão, porém julgamos ser um interessante exemplo do aspecto de repetição evidenciado pelos estudos. O poema original não foi encontrado disponível online, mas uma adaptação pode ser visualizada disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=TSQpG2Lxt3Y>. Acesso em: 30 de abril de 2018.



tomar a bebida, é retomado no final, com o gaúcho ainda bebendo o chimarrão. No entanto, as expressões faciais nos remetem na parte inicial ao estranhamento e ao primeiro contato com a bebida, enquanto a parte final nos remete ao prazer e a tranquilidade.

Uma outra característica utilizada pelos poetas para produzir efeito estético e de sentido é a simetria. Segundo Quadros e Sutton-Spence (2006), muitos pesquisadores têm se debruçado a estudar o uso de duas mãos na poesia sinalizada criando imagens simetricamente equilibradas. Para as autoras:

O impacto estético da simetria visual é agradável, mas o uso deliberado da simetria e da assimetria pode também ter significado simbólico. O sentido geral da simetria é aquele da harmonia, da beleza e da perfeição, enquanto a assimetria implica a ausência dessas. A simetria espacial geométrica na poesia em língua de sinais pode ser usada para produzir e representar estes conceitos simbólicos. (QUADROS E SUTTON-SPENCE, 2006, p. 138)

Assim, embora a simetria faça parte de inúmeros sinais das diversas línguas de sinais, tal como no caso brasileiro dos sinais de “funcionário”, “biblioteca”, “música” e tantos outros, essa simetria é intensificada na produção poética, como acontece no poema *Bandeira Brasileira*, de Nelson Pimenta, no qual os sinais de “amarelo”, “água” e “quente” usualmente produzidos com apenas uma mão, são produzidos com as duas mãos com movimentos alternados. Essa simetria também pode ser produzida com o movimento alternado do corpo, ou com a realização de sinais com a mão esquerda e direita alternadamente.

Esses diferentes aspectos, a simetria, as repetições e até mesmo o uso do alfabeto manual, dão ênfase ao modo criativo que a língua é utilizada nas poesias. Essa criatividade é evidenciada em um último aspecto a ser discutido nesta seção: a produção de sinais novos - neologismos - visualmente criativos com o efeito de evidenciar imagens visuais que celebram o potencial visual da língua de sinais (SUTTON-SPENCE E QUADROS, 2006). Tal recurso surge na produção poética não porque a língua não possua léxico suficiente para a elaboração dos significados, mas porque este mecanismo coloca a língua em primeiro plano e produz efeitos.



Neologismos são observados por exemplo nos poemas *Bandeira Brasileira* quando Nelson Pimenta molda os estados brasileiros em estrelas da bandeira; na descrição das rainhas em *Three Queens*, de Paul Scott; nas representações de árvore de natal, estrela e manjedoura nos poemas *A árvore de Natal*, de Fernanda Machado, e *Feliz Natal*, de Rosani Susin (SILVEIRA E KARNOPP, 2013).

Nesse sentido, Silveira (2015) afirma que:

Assim como na literatura escrita em relação à palavra, a literatura surda também usa recursos que não são do uso cotidiano e simples de Libras e criam efeitos estéticos, que têm uma repercussão positiva entre a comunidade surda e contribuem para o desenvolvimento de sua identidade. (SILVEIRA, 2015, p. 15)

Como procuramos mostrar nesta seção, um enfoque possível de tratamento da poesia produzida em língua de sinais encontrado nos textos selecionados nesta revisão é a abordagem de aspectos linguísticos, que enfoca o uso de sinais específicos e repetições, o alfabeto manual, a simetria e os neologismos. Outra possibilidade ainda de enfoque, apresenta-se na discussão sobre a tradução dessa poesia, tratada a seguir.

### **A (in)traduzibilidade das poesias em língua de sinais**

Uma última abordagem trazida em alguns dos artigos analisados se insere no campo dos Estudos da Tradução. Klamt (2014) comenta que, embora seja comum encontrar traduções literárias da Língua Portuguesa para a Libras, não é comum encontrar o processo contrário. No entanto, alguns dos artigos elencados, produzem ensaios tradutórios discutindo possibilidades de trazer para a escrita os diversos elementos linguísticos e estéticos das línguas de sinais. O interessante é que, embora julguem ser um desafio, justamente pelo fato da poesia ter essa característica tantas vezes abordada neste artigo, a de colocar a língua em evidência, todos os artigos que tratam desse tema são unânimes em afirmar a possibilidade e a relevância de se traduzir essas poesias.





Souza (2014), ao argumentar sobre a importância de que se ampliem os trabalhos de tradução de poesias sinalizadas, comenta que:

[...], além de efeitos estéticos, percebe-se que, ao serem traduzidos para línguas orais, eles [os sinais] podem constituir verdadeiras pontes de contato cultural entre o mundo surdo e o mundo ouvinte, valorizando as potencialidades surdas e funcionando como ferramentas de esclarecimento cultural para os que não estão ainda familiarizados com as realidades existentes no mundo surdo. (SOUZA, 2014, p. 170)

Assim, novamente o papel político das poesias em língua de sinais é colocado em destaque, premissa que o autor enfatiza ao longo de todo o seu texto e que também é tangencialmente abordado por Klamt (2015), ao apresentar como objetivo de seu estudo “dar visibilidade à produção poética em Língua Brasileira de Sinais, que ainda permanece desconhecida da maioria das pessoas” (KLAMT, 2015, p. 108). Ainda segundo Souza (2014), em seu processo tradutório, há uma forte preocupação em deixar claro ao leitor ouvinte a cultura e identidade surdas presentes na produção poética, para ele a tradução da poesia se constitui como uma “oportunidade de conferir ainda mais visibilidade às lutas da comunidade surda brasileira.” (SOUZA, 2014, p.177).

Em relação às estratégias tradutórias, o mesmo autor apresenta uma interessante tentativa ao optar por produzir um poema concreto para traduzir os elementos visuais e icônicos da língua de sinais, mantendo e dando visibilidade a modalidade específica das línguas de sinais.

Souza (2014) utiliza em suas argumentações o conceito de in/traduzibilidade, que em linhas gerais é um termo utilizado para dizer sobre os limites ou extensões possíveis da tradução. Para o autor, existiria uma tensão entre o fato de que as línguas possuem particularidades específicas que impediriam que elas pudessem se cruzar totalmente, e o fato de que, mesmo com essas diferenças, a tradução pode acontecer e ter sucesso. Klamt (2015) também se apoia no mesmo conceito, e amparado nas ideias de Weininger (2012), afirma que a intraduzibilidade se dá sobretudo nas tentativas de buscar equivalências entre as línguas. De acordo com a autora:



Na tradução do texto poético, a equivalência se torna “inexorável e inalcançável, desejo mais árduo, tormenta e frustração extremada, igualando o tradutor ao próprio poeta, em certo sentido” (WEININGER, 2012, p. 194), pois o gênero impõe diversas exigências estéticas, como rima, métrica, ritmo, versificação etc. (KLAMT, 2015, p. 109)

KLANT (2015) procura mostrar em seu artigo que o poema investigado - *Voo sobre Rio*, de Fernanda Machado - possui uma estrutura rítmica bem marcada, com a presença de rimas e de outros elementos que devem ser considerados na hora de se traduzir uma poesia. A autora é bastante clara ao apontar mitos sobre a tradução e apresentar os passos do processo de tradução por ela adotado, que inicia na observação detalhada do vídeo, seguida de capturas de imagens, da produção da primeira tradução por meio do uso de glosas e posterior finalização, etapa na qual foram observadas características mais específicas como a simetria e a repetição, as rimas e o ritmo.

A análise feita em Klamt (2015) encontrou diversas repetições nos sinais PÁSSARO-VOAR-GRANDE<sup>9</sup> e PÁSSARO-VOAR PEQUENO, sinais esses que funcionam como conectores em diferentes partes do poema. Foi observado também que outros sinais foram repetidos com o objetivo de contribuir para a coesão interna do poema e criar simetria temporal/espacial, que, como já vimos na seção anterior deste artigo, muitas vezes produzem efeitos para além de questões estéticas. Ainda sobre os usos de repetições, a autora discutiu o desafio de traduzir as simetrias produzidas pelo uso repetido de configurações de mão, recurso não existente na língua meta.

De acordo com Klamt (2015), outro desafio se deu na tradução das pausas do poema. As línguas de sinais possuem um recurso chamado boia, que ocorre quando um sinal é suspenso com uma mão, enquanto a outra produz outro sinal. Tal recurso é utilizado por Fernanda Machado no poema *Voo sobre Rio*, foco de tradução de Klamt. No referido poema, ocorre um diálogo entre dois pássaros em

---

<sup>9</sup> Os termos foram apresentados no texto em caixa alta para demarcar que se trata de uma glosa, ou seja, do registro escrito daquilo que foi produzido na língua de sinais, exatamente na ordem em que os sinais foram produzidos.



que a mão direita representa o pássaro-fêmea enquanto o pássaro-macho é representado pela mão esquerda.

O texto de Klamt (2015) frisa que os sinais repetidos, as rimas, simetria e as pausas, juntas contribuem para um ritmo global do poema e que estas características da poesia em línguas de sinais, também o seu forte sentido visual, devem estar presentes no texto de chegada, sob pena de perder aspectos próprios do universo da cultura de partida, a cultura surda.

Resumindo, todos autores que discutem a tradução de poesias são unânimes em afirmar que este não é um processo simples, no entanto, não seria o caso de considerar o texto intraduzível. A ênfase deve ser dada ao fato de que “a equivalência e a tradução literal, desta forma, não encontram lugar ideal na tradução entre línguas de modalidades diferentes.” (KLAMT, 2015, p.118).

### **Considerações finais**

Ao terminarmos a revisão de literatura no qual nos propusemos, chegamos à conclusão de que embora existam vários estudos em nível internacional sobre a temática da poesia sinalizada, o que pode ser constatado a partir das referências apresentadas pelos artigos, ainda há pouca produção de trabalhos que relacionem a poesia em língua de sinais em nível nacional. Percebe-se uma preocupação dos que já escrevem sobre esse tema, o desejo de que a poesia esteja cada vez mais presente na vida da pessoa surda como espaço de produção identitária, e que a poesia seja difundida de modo a dar ênfase a produtividade das línguas de sinais.

Apresentamos e organizamos a análise dos textos encontrados em três diferentes abordagens: o viés político e educacional da poesia em língua de sinais, que enfoca o empoderamento do povo e da cultura surda; os estudos linguísticos, que contribuem para a análise mais detida de elementos constitutivos da linguagem poética que produz sentido e cria novas formas de se entender e retratar o universo poético em línguas de sinais; e, por fim, os estudos sobre a tradução de poesia sinalizada, que contribuem para se pensar acerca da traduzibilidade dos sinais para



as línguas orais e ainda reforçam a ideia de visibilidade e de empoderamento da cultura surda.

No entanto, destacamos que, embora existam diferentes abordagens nos estudos, temas como o uso criativo da linguagem na produção poética, a poesia como espelho e produtora da cultura surda, como integrante de um campo maior como a literatura e até mesmo o folclore surdo, e o papel político das poesias são temas que atravessam em maior ou menor grau todos os estudos realizados sobre a temática. Os textos estudados trouxeram diferentes abordagens que enriqueceram e serviram de base para a realização da nossa pesquisa de forma a contribuir para o conhecimento do que se tem produzido e discutido sobre a poesia em língua de sinais. Enfatiza-se a necessidade de seguir investindo neste tema, sobretudo em função da riqueza da produção poética existente e das possibilidades de se produzir diferentes formatos de estudo.

Por fim, cabe chamar atenção para os principais poetas trazidos nesses textos. A poetiza estadunidense Dorothy Miles é apontada como uma das precursoras deste gênero, servindo de inspiração para os poetas brasileiros, vistos como poetas de uma ordem clássica, Nelson Pimenta e Fernanda Machado. Outros poetas brasileiros são destacados nos diferentes estudos: Rozani Suzin, poetiza que hoje em dia vem se identificando como surdo-cega; e Alan Henry, apresentado por alguns autores como um exemplo de uma nova geração de poetas surdos brasileiros. Certamente, a ampliação da produção de poesia em línguas de sinais e as gerações de novas autoras e autores poderão ter impacto nos estudos e pesquisas sobre tais produções, aumentando assim, o conhecimento sobre os temas e sobre a literatura surda no geral, e dando ainda maior visibilidade para a cultura surda.

## REFERÊNCIAS

BOSSE, R. O. H. **Pedagogia cultural em poemas da língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: UFRGS, 2014, 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.



HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio - Apicuri, 2016.

KARNOPP, L. B. Literatura Surda. **ETD – Educação Temática Digital**. Campinas, v.7, n.2, p. 98-109, jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/795>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Caderno de Educação**. Faculdade da Educação – UFPel, v. 36, p. 155 – 174. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1605/1488>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

KLAMT, M. M. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “Voo sobre Rio”. **Belas Infiéis**, v. 3, n. 2, p. 107-123. 2014 a. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/13009>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

KLAMT, M. M. **O ritmo na poesia em língua de sinais**. Florianópolis: UFSC, 2014. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014 b.

QUADROS, R. M. de; SUTTON-SPENCE, R. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, R. M. de (Org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ, Ed. Arara Azul, 2006. p. 110-165.

POKORSKI, J. de O.; PONTIN, B. R. Poesias em língua de sinais: produzindo sentidos sobre o implante coclear. In: **Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação e Seminário Internacional de Estudos Culturais em Educação**, 6º SBECE E 3º SIECE, 2015, Canoas, RS, p. 1-12. Disponível em: <http://www.sbece.com.br/2015/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

SILVA, A. A.; ALBRES, N. de A.; RUSSO, A. (Orgs.) **Diálogos em estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais**. Curitiba: Ed. Prismas, 2016.

SILVA, A. M. da. Poemas em sinais: Reflexões teóricas acerca do processo de tradução literária. In-**Traduções**, v.4, n.6, p. 42-56, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/view/1841>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

SILVEIRA, C. H.; KARNOPP, L. Literatura surda: análise introdutória de poemas em Libras. **Nonada - Letras em revista**, v. 2, n.21, p. 1-14. 2013. Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=nonada&page=article&op=view&path%5B%5D=787>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

SILVEIRA, C. H. Poemas em Libras sobre natal - uma investigação sobre poesia surda. In: **Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação e Seminário Internacional de Estudos Culturais em Educação**, 6º SBECE e 3º SIECE, 2015,



Canoas, RS. Disponível em: <http://www.sbece.com.br/2015/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

SOUZA, S. X. Reflexões comparativas sobre procedimentos tradutórios ao português em língua brasileira de sinais. **Mutatis Mutandis - Revista Latino-americana de Tradução**, v. 7, n 1, p. 168-190. 2014. Disponível em: <https://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/view/18769>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

SUTTON-SPENCE, R. Imagens da identidade e culturas surdas na poesia em língua de sinais. In: QUADROS, R. M. de; VASCONCELLOS, M. L. B. de. (Orgs.). **Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais**. Petrópolis, RJ, 2006. p. 329 – 339.

SUTTON-SPENCE, R. Por que precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngue. **Educar em Revista**, [S.l.]. p.111 – 128, ago. 2014. Disponível em: <http://ref.scielo.org/x2jgx7>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

WEININGER, M. J. (2012). Algumas reflexões inevitáveis sobre tradução de poesia. Posfácio. In: Blume, R. F.; Weininger, M. J. (Orgs.). **Seis décadas de poesia alemã: do pós-guerra ao início do século XX**. Florianópolis-SC: Editora UFSC.

WEININGER, M.; SUTTON-SPENCE, R. Quando múltiplos olhares geram diferentes experiências de tradução ao Português de um poema em Libras: O caso de “homenagem Santa Maria” de Godinho. In: **IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa**, 2014, Florianópolis, SC.

Recebido em: 30/04/2018

Aceito em: 29/11/2018